O ANJO DA GUARDA DO AVÔ



Jutta Bauer


O meu avô gostava de contar histórias.


Contava sempre alguma coisa, quando eu ia visitá-lo...



Todas as manhãs, dizia ele,
atravessava a Praça Grande a correr,
para chegar depressa à escola.



No meio da Praça, havia uma estátua grande, de um anjo. Eu nem sequer olhava para ela: tinha de me apressar, porque a minha mochila pesava muito.



Um dia, quase fui apanhado por um autocarro... embora houvesse então pouco trânsito.



A minha escola ficava longe e o caminho tinha grandes buracos...

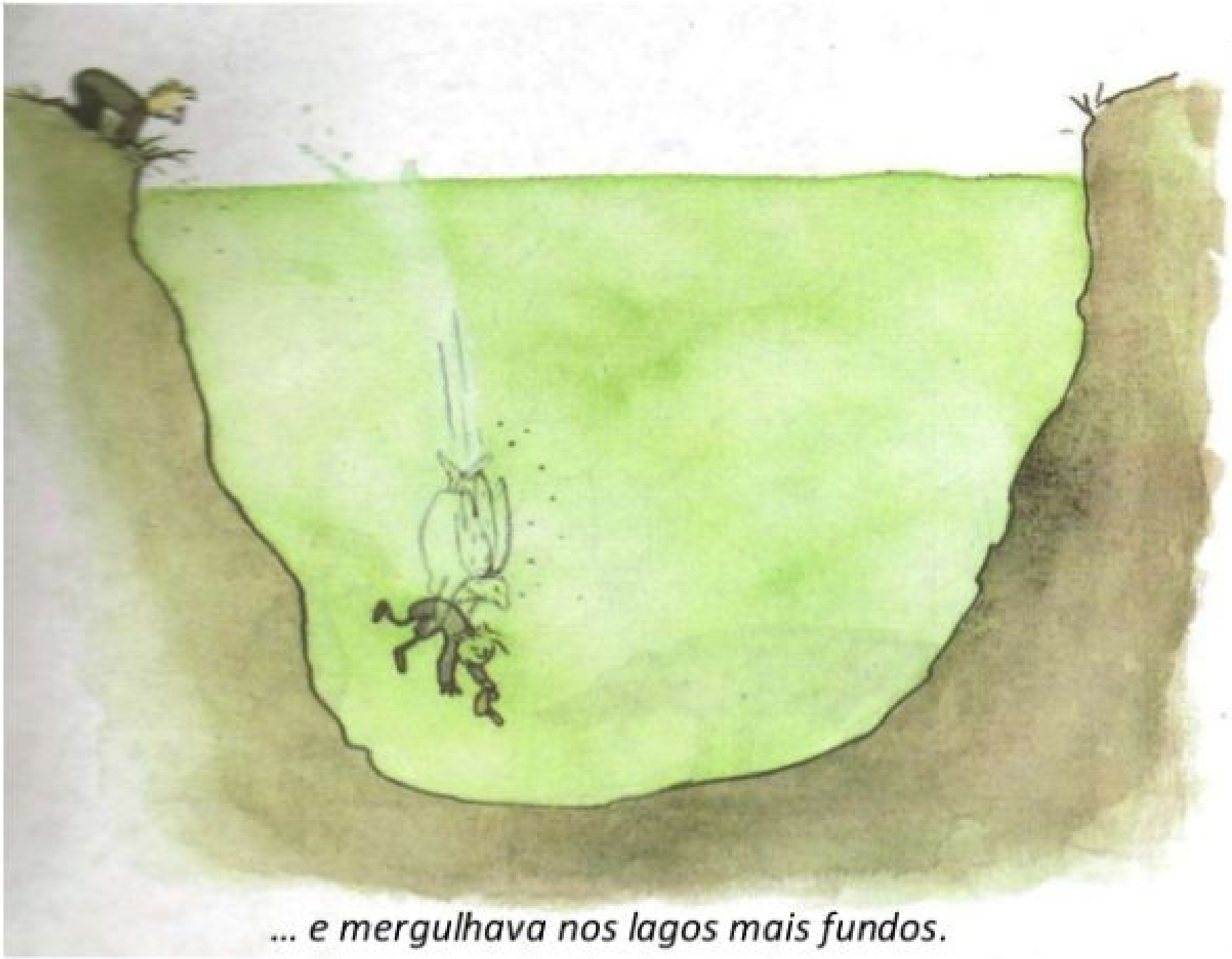

... lugares sombrios...

... e gansos ameaçadores.





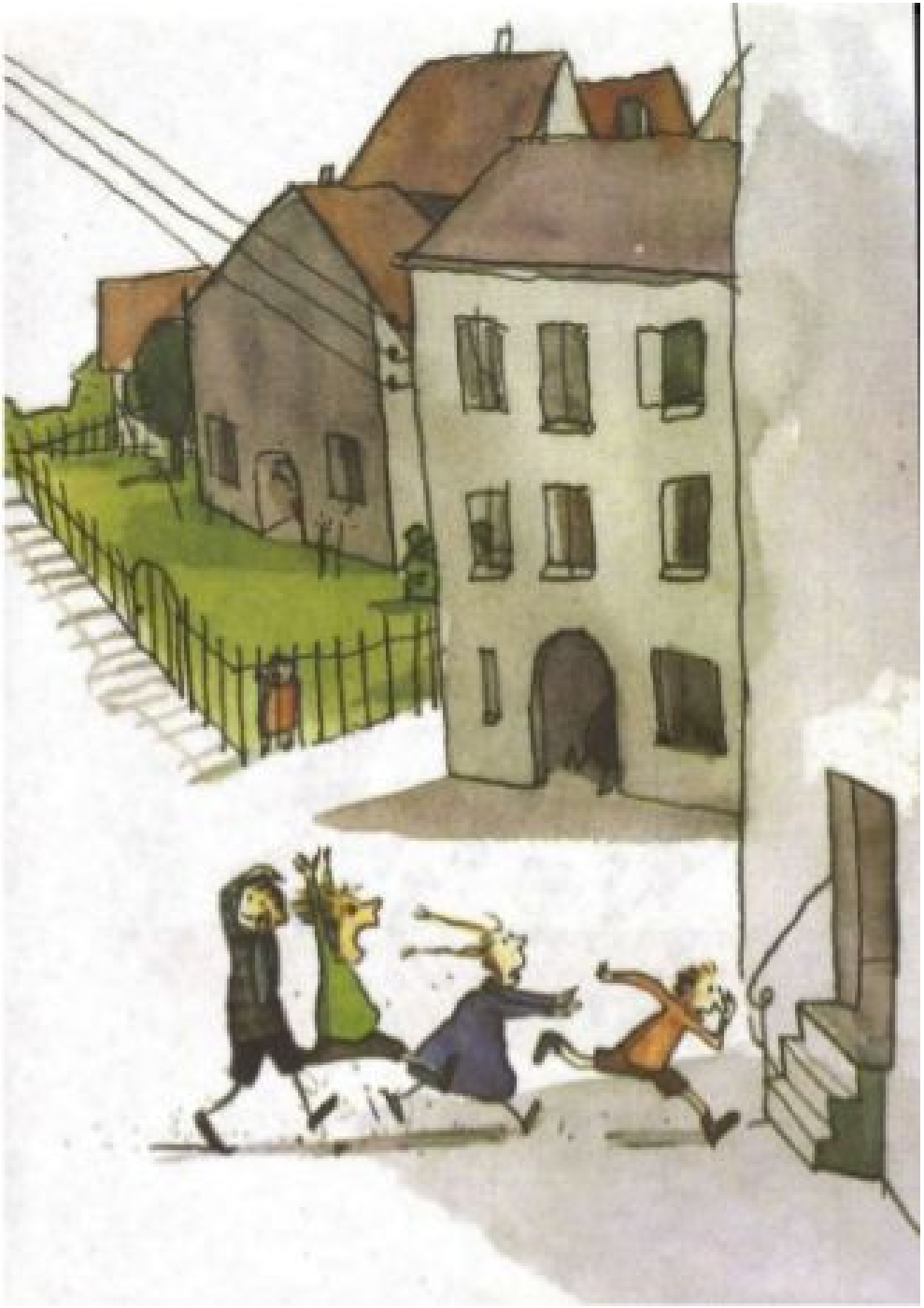
Mas eu não me assustava. Era muito imprudente. Trepava às árvores mais altas...



... e mergulhava nos lagos mais fundos.

Até com os cães grandes
acabava por me entender.





Também tinha colegas que não eram amigos e eu lutava com eles. Por vezes, perdia...



Nunca fui cauteloso. Por isso, não sabia como podia ser perigoso não ter medo.



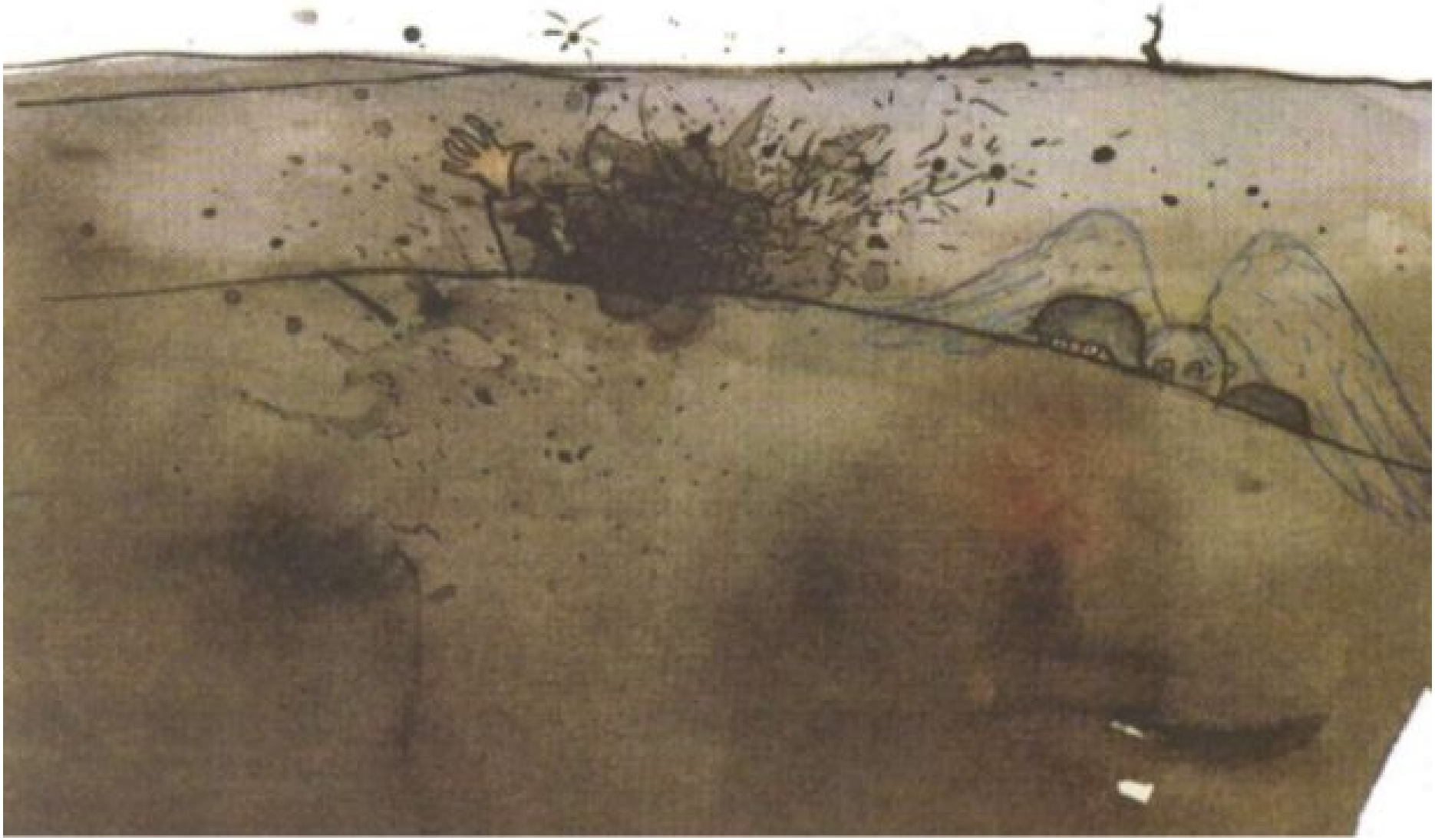


O meu amigo José sabia e tinha muito mais medo. Num dia qualquer, desapareceu subitamente, e fiquei muito triste.


A par e passo, fui crescendo...


... e tive de enfrentar algumas dificuldades.

Veio a guerra...





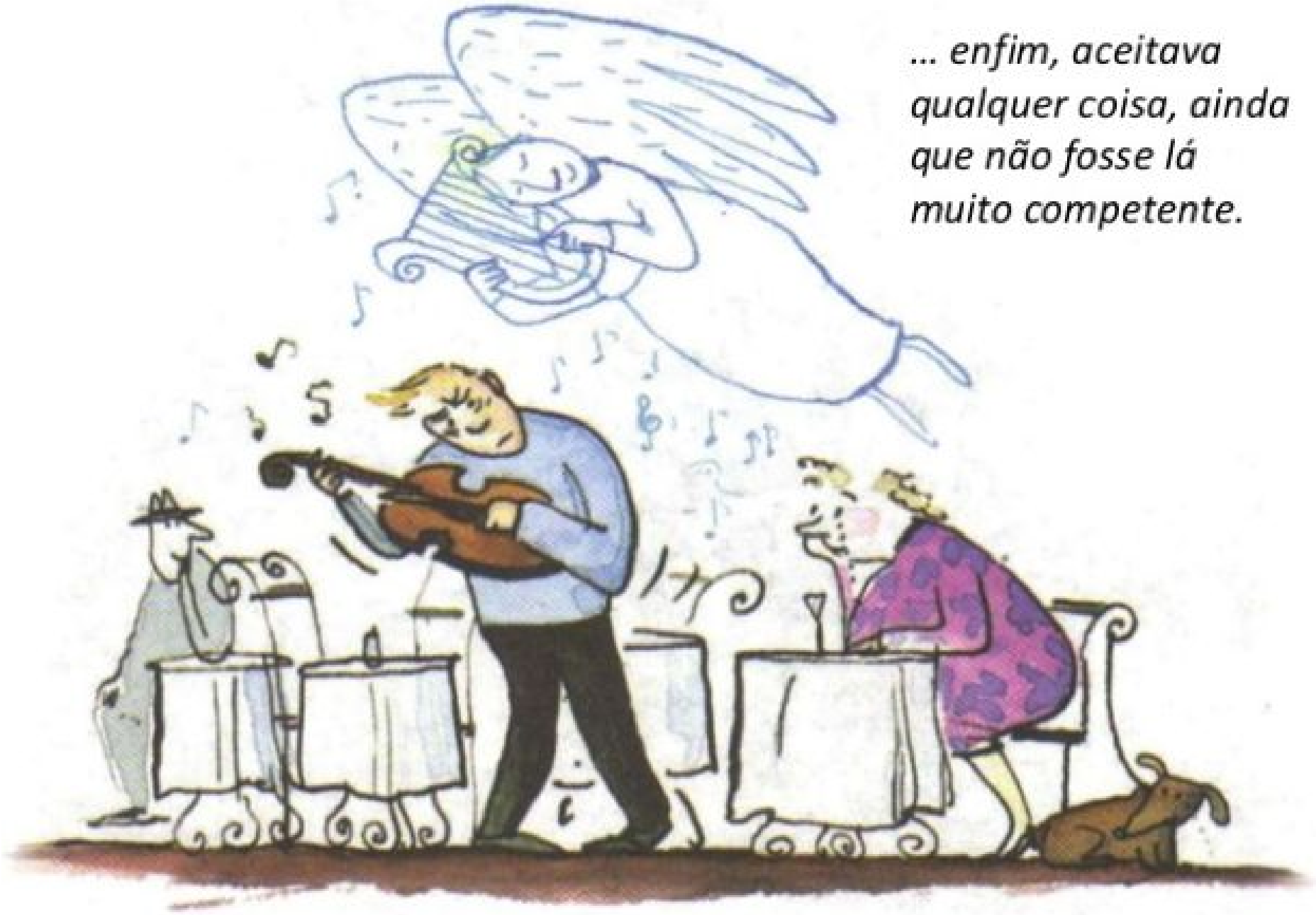
... a fome...

... trabalhei em muitos ofícios, bem diferentes...








... enfim, aceitava
qualquer coisa, ainda
que não fosse lá
muito competente.




Aquele ali, com o boné...

Apaixonei-me...



... fui pai...




... construí uma casa... comprei um carro...


... e fui avô.

Na verdade, a minha vida foi bela...




... direi mesmo que
foi extraordinária.

Tive muita sorte.





O meu avô ficou cansado e
fechou os olhos.
Então, saí silenciosamente.


Cá fora, fazia muito calor.
Estava um dia cheio de luz!